

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (MAIO 2016)

Com base na **amostra representativa da IACA** (19 empresas, com um peso de 78% da produção associada), constata-se, em **maio de 2016**, uma produção de 190 793 tons contra 179 461 tons produzidas em maio de 2015, o que representa uma subida de 6.3% face ao período homólogo do ano anterior, recuperando a tendência relativamente altista de fevereiro e março, depois da “interrupção” de abril. Esta evolução ficou a dever-se aos incrementos de 9.7% nas aves e 7.2% nos suínos, que compensaram a estabilização (em ligeira alta, 0.5%) nos outros animais e, em baixa, (de -0.6%) nos bovinos, afetando a carne e o leite. Tal como em meses anteriores, voltamos a ter diferentes dias de fabrico, 21 em maio de 2016, contra os 20 dias em 2015) mas “a produção está lá”. No entanto, se extrapolarmos os dados, temos uma produção diária mensal, dentro da amostra, de 9 085 tons em maio deste ano, contra os 8 973 tons do ano anterior, o que representa um **ligeiro crescimento global, de 1.2%**, claramente impulsionado pelo setor avícola que representa, neste mês, cerca de 50 % da produção da amostra que aqui monitorizamos.

Sem prejuízo dos outros setores – os ovos estão igualmente numa crise de excedentes a nível europeu e o porco está agora melhor, com cotações sucessivamente em alta – a conjuntura continua preocupante no setor dos bovinos, quer na sua componente carne, quer no leite, pese embora se vislumbre na Europa alguma recuperação, mas muito tímida. Para Portugal, para além dos apelos a Bruxelas para que sejam concedidos apoios aos setores da carne de porco e do leite, é já público, cumprindo o que estava inscrito no Programa do Governo, que este setor vai ter um apoio específico no PDR 2020, que irá contemplar ajudas ao abandono e reconversão da atividade da produção de leite para outros setores como a carne, ou para produtores que adotem práticas de produção mais sustentáveis, como produção biológica ou outras. Há que definir o que se entende por sustentabilidade e equacionar se a indústria leiteira, altamente descapitalizada, não poderá beneficiar igualmente deste programa, designadamente na sua componente de inovação (novas embalagens, novos produtos) ou de modernização, tendo em vista a melhoria da competitividade e adequação a novas exigências dos consumidores. Sem respostas concretas, certo é que a reprogramação do PDR 2020 tem uma margem de manobra muito reduzida, enquanto em Bruxelas se discute a implementação do artigo 222º que tem em conta a redução voluntária da produção e novas ajudas. Mas como sair deste problema se muitos países nem distribuíram o envelope dos cerca de 500 milhões de € concedidos em setembro? Aparentemente, ao que sabemos, Portugal está em sintonia com países como a França, Polónia e Alemanha e a Comissão parece sensível às pretensões...

Infelizmente, acentua-se a incerteza e a instabilidade. À revisão em baixa das expectativas de crescimento da economia portuguesa – 1.5% para 2016? – junta-se a difícil recuperação dos níveis de desemprego e um volume de investimento, sobretudo estrangeiro, praticamente estagnado. A decisão de saída do Reino Unido da União Europeia (“Brexit”) e as recentes eleições em Espanha, tornam ainda mais complexa e difícil uma evolução quanto ao futuro da Europa, acentuando as fragilidades dos 28 (em breve 27, veremos se o processo não se vai arrastar ou será reversível...) e o regresso à volatilidade dos mercados e dos preços das principais matérias-primas. Um fenómeno que, depois da relativa acalmia dos últimos 2 anos, regressou em força, sobretudo na soja, apesar das colheitas abundantes e da recuperação de stocks, impulsionado, no entanto, com previsões de retoma de consumo na China, de que é exemplo o crescimento deste mercado como principal destino das exportações europeias, sobretudo da carne de porco. A (re)entrada dos fundos de investimento nos

mercados das “*commodities*” é outro sinal. Tempos difíceis para a União Europeia, com impacto nas relações internas, entre Estados-membros, mas igualmente no plano internacional, com os EUA e a China, Austrália, Canadá ou Nova Zelândia (muito na esfera de influência do Reino Unido), sem esquecer o embargo da Rússia.

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	Maio 2015	Maio 2016	Variação (%)
AVES	86 780	95 198	9.7
BOVINOS	38 867	38 625	-0.6
SUINOS	43 233	46 336	7.2
OUTROS	10 581	10 634	0.5
TOTAL	179 461	190 793	6.3

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

	Toneladas			
	2014	2015	2016	VAR% 2016/15
JANEIRO	190 285	183 315	178 747	-2.5
FEVEREIRO	169 253	169 178	178 832	5.7
MARÇO	180 561	194 134	199 933	3.0
ABRIL	185 747	192 758	186 057	-3.5
MAIO	187 486	179 461	190 793	6.3
JUNHO	182 590	190 011		
JULHO	201 080	200 223		
AGOSTO	185 549	185 464		
SETEMBRO	186 769	192 131		
OUTUBRO	197 241	201 266		
NOVEMBRO	175 891	190 301		
DEZEMBRO	194 427	197 143		
TOTAL	2 236 879	2 275 385	934 362	1.7

**Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Valores Acumulados)**

	Toneladas		
	Jan-Mai. 2015	Jan-Mai. 2016	Variação (%)
AVES	442 408	444 702	5.3
BOVINOS	207 071	196 782	-5.0
SUINOS	232 850	237 284	1.9
OUTROS	56 517	55 594	-1.6
TOTAL	918 846	934 362	1.7

Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

1000 TON

	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2015	2016	2015	2016	2015	2016	2015	2016
JANEIRO	80	81	42	40	50	47	12	12
FEVEREIRO	76	82	39	39	44	46	11	11
MARÇO	90	95	44	41	48	52	12	12
ABRIL	90	91	43	38	48	46	11	10
MAIO	87	95	39*	39	43*	46	11	11
JUNHO	92		41		46		11	
JULHO	96		45		48		11	
AGOSTO	88		42		45		10	
SETEMBRO	88		44		49		10	
OUTUBRO	91		47		51		11	
NOVEMBRO	87		43		49		11	
DEZEMBRO	86		46		53		11	
TOTAL	1 051	444	515*	197	574*	237	132	56

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos; *estes dados dos bovinos e suínos foram corrigidos, devido a lapso no envio em maio de 2015 (troca entre estas espécies) o que não altera a produção total

Quanto aos **valores acumulados**, com o desempenho de maio, a produção registou uma subida, passando de 0.6% para 1.7%, no período de janeiro a maio, assistindo-se agora a um crescimento de 5.3% nas aves, -5.0% nos bovinos, um relativo incremento nos suínos (1.9%) e -1.6% nos outros animais. Em concreto, tal como na maioria dos nossos congéneres europeus, é a produção de alimentos para aves que está a contribuir para esta tendência altista do mercado dos alimentos compostos em Portugal. Por outro lado, considerando as empresas que integram a amostra, são 11 (10 no mês anterior) as que melhoram a produção face ao ano transato, representando 60% de quota de mercado, contra os 55.2% de 2015, o que significa uma tendência de relativo aumento na concentração da atividade, em linha com as anteriores tendências. No que respeita ao chamado **“mercado livre”**, registou-se, em maio, uma quebra de 2.2%, que decorre naturalmente da descida nos bovinos, com um acumulado de -4.6%, mostrando, apesar de tudo, uma grande resiliência: o peso dentro da amostra é, agora, de 34.8 em 2016, contra os 37.1% de 2015, nestes 5 meses.

Ao nível da **conjuntura dos produtos animais**, no setor **avícola**, o frango vivo situa-se entre 0.85 €/kg e 1.05 €/kg de peso vivo, o peru nos 2.10 €/kg carcaça e os ovos com cotações entre 0.65 e 0.76 €/Kg, com tendência de estabilidade. Nos bovinos de **carne**, assistimos a uma tendência de quebra de preços (-0.03 €), com a entrada de carne a condicionar o mercado, pese embora a oferta não ser abundante. No **leite**, infelizmente, nada de novo, os preços continuam reduzidos, mas existem sinais de que a produção poderá recuar e os preços do leite em pó, queijo e manteiga e alguns preços no produtor começam a aumentar. Uma retoma muito tímida, numa situação ainda crítica. Nos **suínos**, os preços da Bolsa têm registado sucessivas subidas, desde a Feira do Porco, numa conjuntura que deverá prosseguir esta tendência. De resto, indicadores oficiais dão conta de que as exportações europeias agroalimentares bateram um novo record em abril, com um saldo positivo de 1.5 mil milhões de € na balança comercial, impulsionado pela carne de porco (+68%), com um peso de 5% no conjunto do agroalimentar, e pela redução das importações de produtos alimentares. No entanto, muito há a fazer e refletir no pós- crise...